

TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS E A MERCANTILIZAÇÃO DA NATUREZA NA BARRA DA TIJUCA.

Aluna: Vitoria Gelli Ramos
Orientador: João Rua

Introdução

Localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, dentro da XXIV Região Administrativa que leva o mesmo nome, sendo limitada a oeste pelos bairros do Joá e Itanhangá e pelo maciço da tijuca; a norte pela Região Administrativa de Jacarepaguá; a leste pelo bairro do Recreio dos Bandeirantes; e a sul pelo Oceano Atlântico, a Barra da Tijuca tem o seu processo de ocupação datado desde os anos de 1970, quando ocorre uma explosão do crescimento populacional e a prática de loteamento de áreas para a ocupação da cidade.

O bairro era visto, então, como um potencial local de expansão da cidade, onde o capital imobiliário pudesse estender mais um de seus “braços” aproveitando o valor agregado do mesmo pelas belas praias e vegetação exuberante. Com isso, esse processo de ocupação teve e ainda tem uma característica bastante especulativa pelo fato do mesmo ter sido pensado para habitar esse contingente populacional da Zona Sul que já vinha apresentando alguns sinais de esgotamento.

Por isso, o Estado começou a investir na região, junto com outros agentes responsáveis pela reprodução do espaço como construtoras e imobiliárias privadas, para que essa população pudesse morar num local capaz de prover segurança, tranquilidade e infraestruturas, atrelado ao contato constante com a natureza.

O urbanista Lúcio Costa foi chamado, então, para projetar um Plano Piloto que conciliasse uma urbanização organizada e controlada, com a preservação do meio natural existente na área (COSTA, 1969). Contudo, com o passar do anos, esse Plano Piloto sofreu diversas modificações em prol dos agentes imobiliários que iam mudando a “regra do jogo” conforme seus interesses, sempre aliados aos interesses do Estado.

A Barra foi se configurando, assim, de uma maneira totalmente diferenciada da idealizada pelo urbanista, tendo uma paisagem e características bastante diferentes do resto dos bairros que compõem a cidade. Sem contar na degradação ambiental que foi intensa e muito prejudicial ao próprio bairro principalmente pela falta de saneamento básico, que só foi agravando a mesma com o passar dos anos, e na destruição de locais, que deveriam ser preservados, para as construções dos grandes condomínios e shopping centers.

Objetivos

Temos como objetivos, justamente, analisar essas transformações sócioespaciais supracitadas que acabam por reproduzir a lógica do sistema capitalista de se apropriar da natureza para afirmar sua existência através do lucro. Ou seja, pretendemos compreender como a mesma se transformou numa mercadoria e numa “jogada de marketing” utilizada pelos agentes transformadores do espaço, resultando, assim, em uma lógica contraditória de degradação ambiental e valorização de uma natureza artificial.

Para isso, discutiremos o plano piloto produzido por Lúcio Costa para a urbanização do bairro, pontuando o concebido, o realizado e suas mudanças, como também a construção de um imaginário social que ronda os condomínios fechados no seu “jeito de morar”, resgatando a lógica das vilas por um lado e construindo uma nova lógica (auto-segregação) por outro.

Metodologia

Num primeiro momento, lidamos com autores como Rosemere Santos Maia e P.V. Santana que tratam especificamente do bairro estudado e da mercadoria verde, respectivamente, para um primeiro contato com o tema escolhido. Em seguida, ampliamos nossa bibliografia e trabalhamos com outros autores que tratam da mesma temática para obtermos um melhor embasamento, como Gabriela Silva e J.W. Vesentini.

Sabemos da importância de dialogar com autores que tratem do espaço urbano, propriamente dito e das categorias geográficas, com isso, num segundo momento, dialogamos com autores como Milton Santos, Marcelo Lopes de Souza, Lefebvre, entre outros...; que ajudam na parte teórica da pesquisa.

Como o trabalho se encontra no seu estágio inicial, a leitura dos textos recomendados tem sido prioridade da autora. Contudo, não negamos a relevância da parte empírica e por isso, quando a pesquisa estiver mais desenvolvida, nos ocuparemos com a mesma, tirando fotos e realizando algumas entrevistas.

Conclusões Preliminares

O que podemos concluir com o material que temos até agora é que o processo de urbanização da Barra da Tijuca, influenciado e controlado pelos agentes transformadores do espaço que organizaram e desenvolveram o bairro através da lógica tecnocrática e nem um pouco sustentável, levou o bairro a uma contradição constante no que condiz a sua organização espacial.

O verde natural, que deveria ser preservado, tem sido destruído cada vez mais para a construção dos condomínios que têm como propaganda principal, justamente, a venda desse verde. Ou seja, a natureza natural sai para entrar uma natureza artificial.

Pelo fato do bairro ter sido planejado como uma expansão da Zona Sul, a Barra acabou sendo um bairro elitizado e bastante inflacionado. As grandes construções e o shoppings começaram a atrair, além de infra-estrutura, muita mão-de-obra, o que fez com que muitos trabalhadores comessem a querer morar perto do trabalho. Com isso um processo de favelização já pode ser sentido em algumas áreas, principalmente perto do Recreio.

Muitas empresas que antes residiam no centro, começam a ter escritórios nos diversos Centros Comerciais, dando ao bairro uma característica de sub-centro (mas não no sentido de substituição do centro da cidade). Ou seja, essas transformações vão influenciar diretamente na dinâmica em que o bairro se encontra atualmente e são justamente elas que pretendemos discutir nessa pesquisa.

Referências

- COSTA, Lucio. Plano Piloto para urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá. Agência Jornalística Image, Rio de Janeiro, 1969.
- MAIA, Rosemere Santos. A produção de espaço em áreas de auto-segregação: o caso da Barra da Tijuca. IN: Anuário de Instituto de Geociências – UFRJ, volume 21, 1998.
- SILVA, Gabriela. Processo de ocupação urbana da Barra da Tijuca [RJ]: Problemas ambientais, conflitos sócio-ambientais, impactos ambientais urbanos. In: Pesquisa de arquitetura e construção – PARC nº01, outubro de 2006.
- SANTANA, P.V. **A mercadoria verde: a natureza**. In: DAMIANI, A.L., CARLOS, A.F.A., SEABRA, O.C.L. (orgs.) O Espaço no Fim do Século: a novas raridade. São Paulo: Contexto . 1999.
- VESENTINI, J.W. **Sociedade moderna e natureza**. In: VISENTINI, J.W. Geografia, natureza e sociedade. São Paulo: Contexto. 1989